

**O SENTIDO DO MASCULINO E DO FEMININO
NA MÍDIA EXTERIOR:
UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS EM CAMISETAS**

Florisbete de Jesus Silva (ULHT; UESB)

florisbete@gmail.com

Adilson Ventura (UNICAMP; UESB)

adilson.ventura@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa discutir o sentido do masculino e do feminino na mídia exterior, entendida como o conjunto de suportes utilizados com fins publicitários, os quais atingem as pessoas sem que elas precisem acioná-los. Selecionamos, como *corpus* de análise, camisetas que circulam no comércio turístico de Porto Seguro-Bahia, nas quais são inscritos, dentre outros enunciados, aqueles referentes a homens e mulheres. Nosso objetivo é analisar como se dá as relações no espaço de enunciação, que é um espaço político, representado pelos locutores, a partir da identificação do memorável que ali se apresenta e da análise dos sentidos produzidos pelos enunciados. Para tanto, utilizamos a *Semântica do Acontecimento*, uma construção teórica que conceitua a enunciação como uma prática política que instala o conflito no centro do dizer, e para quem a constituição do sentido é histórica, e a relação do sujeito com a língua ocorre no acontecimento. Como aporte metodológico, fizemos um recorte da referida teoria, tomando como base para discussão, os modos específicos de acesso à palavra, bem como as categorias analíticas denominadas designação, reescrituração e articulação. Os resultados revelaram que, apesar da luta feminina pelo respeito e consolidação dos seus direitos, ainda há, na sociedade, um discurso misógino fortalecendo a oposição entre homens e mulheres, além da legitimação do preconceito em relação a elas.

Palavras-chave: Gênero. Sentido. Mídia exterior.

1. Introdução

Ao tratarmos de gênero sob os fundamentos da *Semântica do Acontecimento*, falamos de um lugar social onde mulheres e homens são constituídos em sua relação com a língua, nos espaços políticos e socio-culturais a partir dos quais são representados como sujeitos oriundos de diversas modalidades, onde sentidos se cruzam, se dividem, redividem, se transformam, originando novas formas de dizer e de se poder dizer.

Pensar sobre gênero nos espaços de enunciação brasileiros é compreender que mulheres e homens estão inseridos num espaço político, uma vez que os embates em prol do acesso à palavra, do poder dizer e do que se pode dizer é marca das diversas cenas enunciativas que compõem esse acontecimento. Os sentidos de ser mulher e de ser homem passam

por um processo contraditório, onde inclusão e exclusão caminham juntas, ocorrendo um conflito entre a normatização da desigualdade e a afirmação de pertencimento dos desiguais, num processo de divisão e redivisão. E são estas que marcam a configuração do dizer, inserindo-se nas representações desses sujeitos, como também definem a relação de pertencimento dos mesmos, em relação a esse dizer.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar algumas considerações acerca dos sentidos do masculino e do feminino nos enunciados veiculados pela mídia exterior. Para tanto, analisamos textos impressos em camisetas expostas em barracas e lojas que atendem os turistas na cidade de Porto Seguro (BA). O *corpus* é constituído por quatro camisetas, cujos enunciados foram analisados, visando verificar que sentidos são instituídos pelo acontecimento enunciativo, para a mulher e para o homem, que tipo de enunciação nos apresenta o dizer do locutor, a que memoráveis remetem as cenas enunciativas identificadas nas referidas camisetas.

Para subsidiar a discussão, apresentamos algumas reflexões acerca dos movimentos feministas e sobre gênero, advindas de espaços de enunciação que vêm construindo e desconstruindo concepções a respeito do ser homem e do ser mulher, possibilitando reconfigurações que têm instituído novos sentidos para o masculino e para o feminino. Ao mesmo tempo, utilizamos a *Semântica do Acontecimento* como fundamento teórico de análise, destacando como recorte as discussões sobre os modos específicos de acesso à palavra e as categorias analíticas denominadas *designação, reescrituração e articulação*.

2. O gênero como um acontecimento político

Segundo Eduardo Guimarães (2005a; 2005b), o acontecimento é um espaço onde passado e presente se relacionam, gerando sempre uma nova temporalização. Esse passado é instituído de sentidos, e é através dele que os significados das palavras ou enunciados se apresentam de modos diferentes no acontecimento, pela relação que estabelece com o presente. Essa relação, todavia, não deve ser pensada como uma sequência temporal linear, em que há uma marcação de um passado e de um futuro. É o acontecimento que instala a sua temporalidade, na qual o passado não é representado pelo antes, e sim pelo memorável, um recorte realizado pelo acontecimento, originando a partir daí a latência do futuro, compreendida como as diversas possibilidades de interpretação.

Nesse sentido, é possível dizer que as questões de gênero é um acontecimento político, já que é um lugar onde os sentidos são constituídos, entram em conflito, se dividem mediante o funcionamento da língua acontecendo com os falantes, aqui se destacando aqueles que se engajam nos movimentos feministas e nos estudos acerca de gênero, que têm possibilitado novos sentidos para o ser homem e o ser mulher, bem como aqueles que se opõem a tais movimentos, combatendo as mudanças que vêm se firmando ao longo do tempo, no que diz respeito às relações entre mulheres e homens.

O acontecimento político de gênero, embora faça parte da história da humanidade desde as primeiras organizações dos grupos sociais, ganha destaque a partir dos movimentos realizados por feministas, classificados em três fases, a saber: *primeira onda*, *segunda onda* e *terceira onda*.

A negação do biológico como marca identitária de gênero é a principal característica da *primeira onda*, isso porque as feministas discutiam que a fisiologia genital era a responsável pelos tratamentos díspares recebidos por mulheres e homens na sociedade, colocando-os numa posição de superioridade em relação a elas, naturalizando, desse modo, discursos propagadores da desigualdade e exclusão social. (SCOTT, 2012)

Nesta fase, há uma reivindicação das mulheres por uma educação igual à oferecida aos homens, um direito que lhes foi negado, com a alegação de que não possuíam a mesma inteligência que eles. Essa reivindicação foi consequência do autoritarismo instituído nas relações de gênero, onde a luta pelo poder dizer apontava para uma dominação masculina que privilegiava os homens e colocava as mulheres numa posição de inferioridade. Todavia, a repressão que marcou o movimento contribuiu para que outros acontecimentos surgissem, indicando que a busca pela igualdade, apenas, sem considerar as relações de poder que se constituem entre homens e mulheres, fragilizava as manifestações. (ALVES & PITANGUY, 1991; VALCÁRCEL, 2004)

E são esses acontecimentos que instituem a *segunda onda*, marcada pela continuidade da luta pelos direitos à educação, já que a conquista anterior se limitou ao ensino primário, somando-se à luta por direitos políticos e melhores condições de trabalho. Também foi chamada de sufragista, por causa da luta feminina pelo direito de votar e ser votada. Uma das discussões que marcaram os debates desse acontecimento político diz respeito ao uso do termo solidariedade nas reivindicações, por entende-

rem que a raiz da palavra fraternidade (*frater*: irmão/homem), um dos termos que compõem o lema da Revolução Francesa (liberdade, igualdade, fraternidade), é marcada por sentidos que posicionam o homem numa condição de igualdade, e a mulher numa condição de marginalização, já que a exclusão feminina das discussões e decisões políticas era fato registrado em lei. (ALVES & PITANGUY, 1991; VALCÁRCEL, 2004)

A *terceira onda* traz para os espaços de discussão novos dizeres sobre o ser mulher e o ser homem. Estudos realizados por Simone Beauvoir (1967; 1970) desconstróem enunciações reiteradoras de que a falta de inteligência é intrínseca à natureza feminina, de que o homem já nasce com a intelectualidade, daí ser natural determinar que os espaços de decisões políticas, das instituições escolares, os melhores salários, os melhores cargos no mercado de trabalho, dentre tantos outros benefícios, sejam destinados a eles. Simone Beauvoir discute, dentre tantos outros assuntos, a forma como a mulher aprende, como vivencia suas experiências, e principalmente como, apesar de ser treinada para ser alienada, resiste a esta alienação.

Segundo a autora, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Em outras palavras, o ser humano aprende, nas relações sociais, a ser homem e a ser mulher, aceitando como naturais as normas de comportamento estabelecidas para cada um. E para cumprir tais normas, ambos são educados de forma diferente, com regras de comportamento distintas. A elas é imposta a disciplina, para aprenderem a ser mulher, a se comportarem como mulher, a ter sentimentos rotulados como tipicamente femininos. A eles é apresentada a liberdade e a autonomia, a fim de aprenderem a ser fortes, superiores. (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

As discussões da referida autora contribuíram para a publicação de uma infinidade de pesquisas acerca das condições e dos papéis das mulheres na sociedade, apresentando novas concepções que contribuem para a construção de outros sentidos para o gênero. Uma dessas concepções assevera que as relações entre homens e mulheres não são baseadas em critérios biológicos, mas sociais. Desse modo, o masculino e o feminino são construções culturais, seus comportamentos são internalizados mediante interação social com grupos que condicionam eles e elas a cumprirem funções sociais específicas e diversas. (ALVES & PITANGUY, 1991)

Essas discussões contribuem para o desenvolvimento de estudos acerca de gênero, cuja concepção relaciona-se com as afirmações de que

as definições do ser homem e do ser mulher são resultantes de uma construção social. Em 1986, a historiadora Joan Scot publica o artigo intitulado "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", no qual aponta a existência de "ligações explícitas entre o gênero e o poder". Influenciada pelas ideias foucaultianas, Scot define o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. Segundo a autora, é nessa relação entre saber e poder que os sentidos de ser homem e de ser mulher se constituem. Assim, "o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas, também, a classe e a raça". (SCOT, 1989, p. 29)

Em 1990 Judith Butler publica *Problemas de Gênero*, obra na qual afirma que a consciência de ser mulher ou homem é desenvolvida no meio em que se vive, influenciada pela cultura. O gênero, diz a autora, "estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas" Assim, conclui, não nascemos homens e mulheres, mas nos construímos como homens e mulheres, influenciados pelas relações sociais. Não é o corpo ou o sexo que determina o gênero, uma vez que o conceito de homens e mulheres pode estar relacionado a corpos totalmente diferentes daqueles estipulados pela sociedade. Em outras palavras, "homens e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino". (BUTLER, 2015, p. 21 e 26)

O espaço de enunciação brasileiro também foi envolvido por esses acontecimentos que mudaram comportamentos de mulheres e homens, construindo outros sentidos para sua história. Segundo Mariza Corrêa (2001, p. 13-14), o movimento feminista em nosso país destacou-se na década de 1970, e ocorreu articulado com outros movimentos sociais que aqui aconteciam, os quais lutavam por "direito à moradia, melhores condições de vida, até a construção de creches em fábricas e universidades, como também pela anistia para os presos políticos, contra o racismo, pelos direitos dos indígenas e homossexuais".

Ainda segundo a autora, há também uma articulação do movimento com os estudos de gênero, o que corrobora a afirmação da pesquisadora Guacira Lopes Louro, ao dizer que os estudos feministas passaram a ter um caráter político quando o espaço acadêmico começou a pesquisar sobre a história de vida das mulheres, cedendo espaço a pesquisadoras e pesquisadores que estudavam a vida feminina intensamente, e tais estudos já não se contentavam apenas com simples descrições. Assim, asse-

vera a autora, “o conceito de gênero está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Constituinte desse movimento, ele está implicado linguística e politicamente em suas lutas”. (LOURO, 2003, p. 14)

Seguindo a mesma linha de discussão de Scot e Judith Butler, no que diz respeito ao gênero, Guacira Lopes Louro afirma que, ao dar ao gênero um caráter social, as pesquisadoras não pretendem negar que a constituição da referida categoria ocorre “com ou sobre corpos sexuais”, elas não negam a biologia, e sim enfatizam “a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”. (LOURO, 2003, p. 22)

Observando os acontecimentos que têm construído os diversos dizeres acerca de gênero e produzido sentidos para o feminino e para o masculino, é possível dizer que nas três fases do feminismo aqui apresentadas, as mudanças conquistadas refletem o funcionamento das línguas num processo intenso de disputa pelo direito de dizer e de como dizer. Cada movimento e reivindicação, cada denúncia, repressão e resistência, bem como as novas concepções acerca do ser homem e do ser mulher enunciam lugares sociais diferentes, contribuindo para que tais espaços sejam marcados por múltiplas interpretações, as quais dão origem a novos acontecimentos e a novas disputas.

3. O corpus em análise

Tomando como ponto de partida a origem da palavra *mídia* (plural de *medium*, cujo significado é meio), inserimos as camisetas no grupo que compõe a mídia exterior, por entender que através delas enunciados são fixados na mente dos consumidores, influenciando-os na decisão de adquirir o produto por elas propagado, bem como legitimando concepções e estereótipos acerca de lugares, das pessoas, da sua cultura.

No caso das camisetas expostas em lojas e barracas dos diversos pontos turísticos de Porto Seguro (BA), a exemplo da Cidade Histórica, Avenida Getúlio Vargas e Passarela do Descobrimento, os produtos que anunciam são elas mesmas. Marcadas por enunciações que legitimam estereótipos relacionados a mulheres e homens, apresentam locutores agenciados por acontecimentos cujas relações de sentidos são atravessadas pela discriminação, principalmente no que diz respeito à mulher. Entretanto, os enunciados grafados nas referidas camisetas são compreendidos

como uma brincadeira, com o objetivo de fazer o turista rir. Desse modo, elas e eles adquirem o produto, para si e para os que não puderam acompanhá-los na viagem (familiares, amigos, colegas de trabalho), sem parar para refletir sobre os sentidos que marcam cada palavra que ali se apresenta, ou sobre a violência simbólica legitimada pelos enunciados³¹.

No que diz respeito aos locutores, é importante ressaltar que, segundo Eduardo Guimarães (2005a, p. 23), os modos específicos de acesso à palavra são constituídos pela cena enunciativa, um espaço particular, onde os lugares de enunciação no acontecimento são distribuídos. Esses lugares “são configurações específicas do agenciamento enunciativo para aquele que fala e aquele para quem se fala, que não são pessoas donas do seu dizer, mas lugares constituídos pelos dizeres”. Tais lugares são representados pelo Locutor (com L maiúsculo), responsável pelo dizer, pelo locutor *x* (com l minúsculo), que fala de um lugar social, e pelo enunciadador, identificado pelo lugar de onde diz algo. (GUIMARÃES, 2011a)

O Locutor não tem acessibilidade ao que enuncia, por não estar inserido na significação da enunciação. Assim, divide-se no acontecimento, porque falar, enunciar, pelo funcionamento da língua no acontecimento, é falar enquanto sujeito. Nesse processo de representação do que enuncia, é necessário que haja um desprendimento de si mesmo, tornando-se um lugar social, representado pelo locutor *x*. É esse lugar de locutor *x* (locutor- homem, locutor-mulher, por exemplo), que o autoriza a dizer algo de certo modo e em certa língua (GUIMARÃES, 2005a).

Ainda segundo Eduardo Guimarães, o Locutor desconhece a marca do lugar de onde fala. Isso ocorre quando o eu aparece no dizer, apagando o lugar social, ignorando que *fala em uma cena enunciativa*. Nesse sentido, os lugares de dizer são chamados de enunciadores, apresentados como individual, genérico, universal e coletivo.

O enunciadador-individual desconhece que fala de algum lugar, imagina “que está acima de todos, independente da história”. O genérico simula ser responsável pelo dizer, embora este seja a representação de um coletivo (ditos populares, por exemplo). O dizer não é só seu, é de todos, por isso ele se torna uma parte da coletividade. Todavia, “se mos-

³¹ No ano de 2008 acompanhei a movimentação de turistas em lojas de Porto Seguro, para realização de pesquisa intitulada "O Julgamento de Eva: estereótipos de gênero em discursos da contemporaneidade" (SILVA, 2009). Depois dessa pesquisa, quando vou ao centro da cidade, à noite, costumo entrar nas referidas lojas, a fim de observá-los comprando as referidas camisetas.

tra como um indivíduo que escolhe falar tal como outros indivíduos, uma outra forma de se apresentar como independente da história”. O enunciadador-universal enuncia de um lugar tido como sendo verdadeiro ou falso, próprio do dizer científico, apesar de não ser exclusividade dele. Também apresenta um lugar de dizer “não social, acima da história, de onde se diz sobre o mundo” (GUIMARÃES, 2005a, p. 25-26). Já o enunciadador-coletivo representa a voz de todos como uma única voz, está “ligado a um lugar, diríamos, corporativo, de um conjunto, que o dizer apresenta como um todo específico” (GUIMARÃES, 2012a, p.193).

A análise do corpus que constitui este artigo (quatro camisetas) tomará como base para discussão, esses modos específicos de acesso à palavra, bem como as categorias aqui já referenciadas (designação, reescrituração e articulação).

Segundo Eduardo Guimarães (2007), a designação é uma relação linguística constituída de sentidos construídos no acontecimento, através da qual o real é significado na linguagem, mas essa projeção não se dá de forma direta, sua produção ocorre mediante relação entre as palavras, resultando na construção de sentidos. Esse real não é representável no seu todo, mas constituído como realidade diferente, projetada por determinada posição-sujeito na e pela enunciação. Por isso, embora o funcionamento da designação ocorra sob o efeito da estabilidade, ela é marcada pela instabilidade.

Pela designação os nomes são significados, mas não enquanto algo abstrato. Essa significação ocorre mediante a relação linguística simbolicamente remetida ao real, tomada na história (GUIMARÃES, 2005a). Desse modo, um nome é designado, não a partir do seu sentido denotativo, mas pela relação de sentido que ele estabelece com outros nomes, em um acontecimento enunciativo. (GUIMARÃES, 2012b)

No que diz respeito à reescrituração, Eduardo Guimarães a concebe como “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. É a reescrituração que “coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição de sentido de um texto”. A esta operação dá-se o nome de predicação, não aquela da sentença, mas aquela em que, “no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos, dentre eles a repetição, a substituição, a elipse, a expansão, a condensação e a definição”. (GUIMARÃES, 2007, p. 84)

Para melhor compreender esses procedimentos, apresentaremos a primeira camiseta, a qual está inserida no grupo daquelas que são expostas nas lojas e barracas em Porto Seguro.



Camiseta 1: Classificação das cervejas³². Fonte: SILVA, 2009.

O título do enunciado é uma reescrituração por *condensação*, já que resume a enunciação apresentada pelo locutor-customizador³³, em todo o texto, acerca da concepção do ser mulher.

Os enunciados que aparecem após o título são reescriturados pelo procedimento de *expansão*, uma vez que o locutor amplia o já dito, ao apresentar as marcas da cerveja, relacionando-as com os papéis desempenhados pela mulher. No que diz respeito a estes papéis, tais enunciados remetem a memoráveis oriundos de lugares distintos: o lugar que determina a posição da esposa na família e no lar; o que determina à amante, a função de concretizar as fantasias que a esposa, por ser considerada “santa”, não pode realizar; o lugar que discrimina a profissão de prostituta; o que designa as adolescentes com sentidos estereotipados; e o lugar que desvaloriza a sogra, colocando-a na posição da *mulher diabólica*, capaz de destruir a harmonia familiar.

³² O modelo fotográfico que posou com as camisetas foi voluntário da pesquisa.

³³ Chamamos de customizador, quem trabalha com imagens e inscrição de enunciados em camisetas.

A reescrituração por *definição* está presente em todos os conceitos criados para as marcas de cerveja, os quais designam o sentido do feminino, ao explicar que mulher é *Brahma, Skol, Antártica, Kaiser, Schin-carior*. Tais marcas também são utilizadas como uma reescritura por *substituição*, uma vez que, pelo dizer do locutor, elas são *a esposa, a amante, a prostituta, a adolescente e a sogra*, respectivamente.

Há ainda uma reescrituração por *elipse*, nas duas últimas definições, com a substituição da coordenativa explicativa (porque) pela vírgula (*É a filha adolescente, só dá dor de cabeça./ É a sogra, não vale porra nenhuma*). E por fim, a *repetição*, que se apresenta na ênfase dada ao verbo ser (*é*) e à conjunção explicativa (*porque*).

É relevante ressaltar que, embora os elementos em análise estejam ligados entre si, não quer dizer que apresentam o mesmo sentido. Um exemplo disso é a expressão *nº 1*, utilizada pela propaganda da Brahma, para dizer que é a melhor cerveja que existe, e parafraseada pelo locutor, para reescrever *esposa*, mas com um sentido diferente, pois parece apontar que ela é a número um, não por ser a melhor, e sim por ser a primeira da lista de muitas. Prova disso é a afirmação de que a amante é a mais gostosa.

Tais exemplos vão ao encontro do que diz Eduardo Guimarães (2007), quando afirma que a reescrituração liga elementos de um texto com outros inseridos no mesmo texto, e ao retomar um elemento, este já não apresenta o mesmo sentido. Através dela, a enunciação de um texto rediz aquilo que já foi dito, significando o seu presente na temporalidade do acontecimento, atribuindo sentidos diferentes ao reescriturado. Tais sentidos são constituídos na relação entre as expressões do texto, não no funcionamento do enunciado, apenas.

Já no procedimento de articulação as relações semânticas são estabelecidas pela forma como os elementos linguísticos dão sentido a outros elementos em sua proximidade, mediante agenciamento enunciativo. Ela pode ocorrer de três modos distintos: por dependência, por coordenação e por incidência. Na primeira, “os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento”; na segunda, há uma tomada de elementos de mesma natureza, os quais são organizados “como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes”; e na última, ocorre uma relação “entre um elemento da mesma natureza e outro de outra natureza, de modo a formar um novo elemento do tipo do segundo” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). Esse proce-

dimento será demonstrado na análise das camisetas 2, 3 e 4.

As categorias analíticas que aqui utilizamos nos levam ao domínio semântico de determinação, definido por Eduardo Guimarães (2005a; 2007) como o procedimento que explica como funciona o sentido da palavra no texto, mediante a relação enunciativa que ela mantém com outras palavras ali também funcionando. Segundo o autor, para dizer o sentido de uma palavra é necessário estabelecer o seu domínio semântico de determinação. Para isso, é preciso se atentar para o funcionamento da palavra no texto em que ela aparece, suas relações com as outras palavras que ali estão, pois são essas relações que constituem o seu sentido.

A partir dessas considerações teóricas, passemos, então, à análise:



Camiseta 2: Mulher = Violino
Fonte: Silva (2009)



Camiseta 3: Mulher é bicho do diabo
Fonte: Silva (2009)



Camiseta 4: Mulher = Caixa Econômica. Fonte: Silva (2009)

A cena enunciativa apresentada pelas camisetas é constituída por

três enunciados que, embora se refiram à mulher, marcam também a presença masculina, pelas relações de sentido estabelecidas pela designação, articulação e reescritura das palavras. Além do enunciado, a camiseta 2 contém a imagem de um violino, e embora todas as letras se apresentem na forma maiúscula, há um destaque para as palavras *mulher* e *violino*, que se apresentam na cor vermelha, e a expressão *é igual*, destacada em negrito. A camiseta 3, embora não apresente imagem, destaca-se pela textura das letras, grafadas com material emborrachado, e pela mudança no tamanho das mesmas. A número 4 apresenta a imagem de uma mulher, de côcoras, usando biquíni verde, cor também utilizada no cifrão tatuado em suas nádegas e no título do enunciado. Para melhor analisar os enunciados, vamos agrupá-los em três cenas enunciativas (CE):

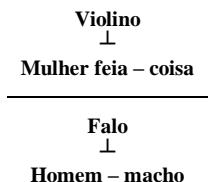
- CE1 Camiseta 02: Mulher** feia pra mim **é igual violino**. Viro a cara e passo a vara.
- CE2 Camiseta 03:** Mulher bicho do diabo. Mija sem por a mão, trepa sem tesaõ, briga sem razão, mesmo assim é bicho bãoooo!
- CE3 Camiseta 04: A mulher** é a melhor caixa econômica do mundo. Ela abre o negócio, faz o balanço, recebe o bruto, fica com o líquido, e se botar na poupança ainda rende mais!

Na cena enunciativa da camiseta 02, o Locutor enuncia como se apresentasse uma opinião própria, já que usa o pronome pessoal articulado com a preposição (*pra mim*). Todavia, a enunciação o posiciona no lugar social de locutor-machista, o qual representa a voz coletiva de um enunciador que produz sentidos estereotipados não apenas acerca do feminino e do masculino, mas também de características que os qualificam.

A primeira questão colocada em foco pelo locutor diz respeito à beleza, cujo conceito está relacionado com os padrões impostos por determinados grupos sociais que estabelecem o que é feio e o que é bonito, propagando o preconceito e a exclusão daqueles que não se encaixam em seus modelos. Assim, a mulher feia é reescriturada com uma palavra que representa uma coisa, um instrumento: *violino*.

A articulação coordenativa que se apresenta na última parte do enunciado estabelece duas ações propostas pelo locutor: primeiro, ele *vira a cara* para a mulher; depois ele *passa a vara* nela. Embora a palavra violino aponte para um sentido relacionado ao substantivo vara, já que é com o auxílio dela que o instrumento consegue emitir som, este substantivo se apresenta, neste acontecimento, como uma reescritura do órgão genital masculino, uma vez que a palavra mulher também é reescriturada pelo instrumento musical referenciado. Além disso, há o fato de vara ser

um termo utilizado por muitas pessoas, mulheres e homens, como sinônimo de pênis. Nesse sentido, é possível dizer que a mulher considerada feia, observada desse lugar de enunciação, “serve” apenas para satisfazer os desejos sexuais masculinos. Essa relação de sentidos pode ser representada pelo seguinte domínio semântico de determinação:



(⊥) Lê-se: **determina**. (–) Lê-se: **sinônimo**. ————— Lê-se: **oposição**.

O domínio semântico de determinação aponta para a interpretação de que a mulher considerada feia, pelo locutor, é determinada pelo violino, desse modo ela é sinônimo de coisa. Já o que determina o homem é o falo, assim o sentido do masculino também parece não estar relacionado à espécie humana, mas a um indivíduo como qualquer outro, o macho. Apesar disso, há uma oposição entre ambos: enquanto ela é um ser inanimado, ele é um ser vivo. Esses sentidos revelados pelo domínio semântico de determinação remetem ao memorável de que ser macho está relacionado com a sexualidade, por isso é natural que o homem queira satisfazer seu desejo sexual. E para isso basta que tenha uma mulher, cuja beleza não importa, uma vez que ela tem o necessário, segundo o locutor, para que ele possa ter prazer: uma vagina.

As demais camisetas apresentam cenas enunciativas cujo locutor prossegue enunciando de um lugar onde a discriminação em relação à mulher parece estar inserida naquilo que o enunciador-coletivo considera como uma situação normal, sem nenhuma característica de agressão. A designação feminina continua produzindo o sentido de que a mulher é objeto sexual. Além disso, remete ao memorável de que, por ter sido feita de uma costela curva do homem, ela é um ser imperfeito, dada a atitudes satânicas, a enganações, a escândalos sem motivos (ARAÚJO, 2006). Já a designação masculina continua apontando para o falo, para a virilidade, produzindo o sentido de que a qualidade masculina mais importante é o fato dele ser macho.

No enunciado da camiseta 3, a palavra mulher é reescriturada por *bicho do diabo* e *bicho bom*. A articulação da locução adjetiva (*do diabo*)

com o adjetivo (*bãooo*) produz uma oposição entre o mal e o bem, o ruim e o bom. Essa articulação cria sentidos diferentes para bicho: enquanto o primeiro remete ao diabólico, à capacidade de criar artimanhas, principalmente para seduzir e enganar, o segundo remete a algo positivo, que dá prazer ao macho.

Outra construção linguística interessante para análise é a articulação da preposição *sem* com os substantivos *mão*, *tesão* e *briga*, que parece estabelecer um sentido de exclusão para o feminino. O dizer do locutor nos traz uma enunciação que possibilita pensar que, apesar de ser bicho bom, essa condição feminina tira-lhe o direito de se tocar, de sentir prazer, de opinar. Tais sentidos nos levam ao seguinte domínio semântico de determinação:

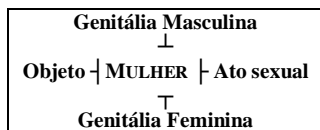
Objeto sexual	├	Mulher – animal irracional
		┐
		Bicho
		└
		Ser humano

(├; ┐) **Lê-se: determina.**

Comparando estas determinações com aquelas apresentadas no domínio semântico de determinação da camiseta 2, observamos que aqui a mulher é inserida no grupo dos seres vivos (ela é bicho), condição oposta à apresentada anteriormente. No entanto, continua excluída da designação de ser humano, já que é qualificada como um animal, ser irracional, e como um objeto sexual.

Na cena enunciativa da camiseta 4, mulher é reescriturada por caixa econômica, numa enunciação que inicia articulando os elementos linguísticos de forma a criar o sentido de que ela está sendo elogiada, interpretação que pode ser explicada pela articulação entre o artigo definido e o adjetivo melhor (*a melhor*), além da locução adverbial de lugar (do mundo). Esse elogio, porém, entra em contradição com as relações de sentido que se estabelecem pela explicação que o locutor apresenta, a fim de esclarecer por que a mulher é uma caixa econômica. E a imagem feminina que aparece na camiseta, com o cifrão tatuado nas nádegas, ratifica o discurso estereotipado que o lugar da enunciação produz e reitera.

Temos, assim, um conjunto de sentidos que podem ser representados pelo seguinte domínio semântico de determinação:

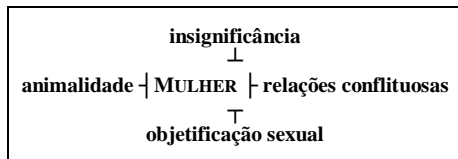


(⊥; ⊥; ⊥; ⊥) **Leem-se: determina.**

No horizonte de interpretação dos elementos apresentados por este domínio semântico de determinação, podemos pensar que o locutor desta camiseta fala de um lugar onde o sentido de mulher está atrelado a um objeto para ser usado no ato sexual. Utilizando elementos linguísticos com sentidos diversos, ele descreve passo a passo tal relação, e parece exaltar a participação masculina nesse processo, ao usar o substantivo bruto como metáfora de pênis, a fim, nos parece, de ressaltar o tamanho da genitália masculina, o que remete ao memorável de que *o homem bom de cama é o que tem um pênis grande, aquele que é denominado super-dotado*, discurso este que se propaga em enunciações relacionadas à eroticidade. E como também há um memorável, em tais enunciações, que representa o discurso de que *a mulher boa de cama é aquela que valoriza esse bruto*, é possível dizer que, no enunciado desta camiseta, a genitália masculina também determina mulher, até porque esse órgão é responsável, no dizer do locutor, por deixar o *líquido* (esperma) na *caixa* (mulher), e ainda se preocupar com o lucro, ao *botar na poupança* (nádegas), expressão que nos leva à interpretação de que, neste momento, refere-se ao sexo anal.

Seguindo com a análise, a genitália feminina também determina a mulher, uma vez que, para o locutor, o que a faz ser considerada a melhor caixa é o fato de ela abrir o *negócio* (vagina). E não basta só abri-lo, é necessário o movimento para que se tenha o resultado. Este, de acordo com o acontecimento que agencia o locutor, só atende ao interesse masculino, fato que pode ser observado no uso dos verbos *abrir, fazer, receber e ficar* relacionados a ela, e *botar*, relacionado a ele, além da expressão rende mais, relacionado a esse verbo botar. Desse modo, é possível dizer que o sentido produzido para o feminino, nesta camiseta, é o de que a mulher é um objeto sexual a serviço da satisfação masculina.

Fazendo uma síntese de todas as camisetas (1, 2, 3 e 4), é possível dizer que o assunto principal dos enunciados que as compõem é a mulher, a qual é representada pelo locutor-machista, por um conjunto de sentidos que nos levam ao seguinte domínio semântico de determinação:



As determinações relacionadas à mulher apresentam uma consti-tuição de significados que a identificam como um ser insignificante, sem valor, responsável pelos conflitos existentes nas relações, não apenas com seus/suas parceiros/as, mas também com seus familiares (a exemplo da adolescente, representada na primeira camiseta). Um ser animalizado que deve satisfazer os instintos sexuais do homem, este apresentado pelo locutor na condição de um macho que subjuga a fêmea, com o intuito de mostrar o seu poder de sedução, de subjugá-la, para atender aos seus pró-prios interesses.

4. Considerações finais

Os enunciados das camisetas aqui analisadas demonstram que a misoginia atravessou os tempos, estabelecendo a discriminação, fortale-cendo a oposição ente mulheres e homens. E tal situação não é inédita, retoma memoráveis de séculos passados, onde a identidade biológica de-terminava conceitos de força/fragilidade; perfeição/imperfeição, superior/inferior, dentre tantos outros sentidos usados para a reiteração da desi-gualdade.

As mulheres citadas nas camisetas são apontadas como bicho ou como objeto sexual que pode ser usado e descartado. Um ser sem senti-mentos, sem voz, o que a impede de participar das discussões em prol da afirmação dos seus direitos, dentre eles, o de ser respeitada.

Mas há algo interessante nas relações de sentido estabelecidas no dizer do locutor. Apesar da tentativa de exaltar a figura masculina, o fato de relacionar o homem sempre a sua genitália, tira-lhe os outros atributos a ele inerentes, destacando apenas a qualidade de macho. Assim, a enun-ciação também discrimina o homem, determinando-o como um indivíduo cuja função está voltada exclusivamente para o ato sexual. Ela é bicho e objeto a serviço do desejo masculino, mas ele também o é: bicho, em sua função de macho, apenas, objeto dos próprios desejos sexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 45-77.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência de vida*. 4. ed. Trad.: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

_____. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. Trad.: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 13-30, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005a.

_____. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2005b.

_____. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília. *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes, RG, 2007.

_____. Enumeração funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 51, n. 1, p. 49-68, 2009.

_____. Língua e enunciação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 30, 2011.

_____. Ler um texto numa perspectiva enunciativa. *Revista da ABRALIN*, vol. 12, n. 2, 2012a.

_____. *Análise de texto: procedimento, análise, ensino*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012b.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educa-*

ção e Realidade, vol. 16, n. 2, p. 19, 1989.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, vol. 45, 2012. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212>>.

Acesso em: 05-01-2016

SILVA, Florisbete de Jesus. *O julgamento de Eva: estereótipos de gênero em discursos da contemporaneidade*. 2009. Dissertação (de mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

VALCÁRCEL, Amelia. *O que é o feminismo e que desafios apresenta: busca da plena cidadania das mulheres*. 2004. Disponível em:

<<http://www.diba.cat/urbal12/cdseminari/ponencias/ameliavalcarcelportu.pdf>>. Acesso em: 15-01-2016.